

DISCURSO, APRENDIZAGEM E REDES SOCIAIS: UM IMPORTANTE ENTRELAÇAMENTO PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Marileide Moutinho Pamponet Lima¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Resumo: Este estudo de natureza exploratória e caráter bibliográfico é uma pesquisa parte de um trabalho da Especialização em Leitura e Produção textual aplicadas à Educação de Jovens e adultos - EJA, do Instituto Federal Baiano *campus* Itapetinga. O tema central está pautado especificamente em redes sociais e as estratégias linguístico-discursivas utilizadas pela instância midiática no processo de construção da realidade discursiva nos alunos da EJA. As produções simbólicas de internautas por meio de formações discursivas transparecem situações polêmicas em debates que produzem e proliferam sentidos. Logo, é relevante para a educação que precisa construir estratégias para lidar com estas situações, de modo que não menospreze os contextos culturais dos educandos da EJA. Assim, este trabalho teve por objetivo investigar a partir de um recorte teórico, a presença marcante de alguns gêneros discursivos, sendo o trabalho pautado em estudos existentes sobre discursos em redes sociais, observando de que maneira os alunos da EJA interpretam ou legitimam determinadas questões por meio de posições discursivas. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa é de natureza qualitativa e investigativa, para que seja possível registrar as diferenças de sentido especialmente com relação aos discursos presentes na Análise do discurso (AD). A partir dos principais resultados da pesquisa é possível concluir que o aparelho ideológico do estado precisa aprimorar a forma como produz a Educação Jovens e Adultos - EJA mudando o discurso pedagógico escolar (DPE).

Palavras - Chave: Aprendizagem. Educação do Campo. EJA.

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade as interações sociais foram influentes na diversidade cultural dos diferentes povos. A educação sempre foi seguida de acordo com suas crenças, costumes, e etc.

¹Mestranda na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil; Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: leidemp@hotmail.com

Assim, as relações sociais na educação escolar e o aprendizado sofrem influências de diferentes tribos que surgem ou já existiam há algum tempo na sociedade. (BERTHELOT, 2006).

Atualmente essas questões são redimensionadas em ambientes virtuais. E que muitas das vezes são alvos de debates que prolifera uma sucessão de opiniões divergentes. Estas são baseadas em uma diversidade imensa de pensamentos que sofrem variações de acordo uma ampla diversidade cultural existente nesses ambientes. E assim esses internautas são atores e parte da mídia, são pessoas que produzem diversos sentidos por meio de sequências discursivas. (DANTAS, 2009).

Levando em consideração que os elementos presentes na AD são as práticas discursivas que se transformam em discursos, de modo que sua materialidade se dá através de diversos textos, a escolha do tema foi pautada através da inquietude das pesquisadoras em fomentar estratégias didáticas aos professores de EJA, para letramento e ensino de alguns gêneros linguísticos através das principais esferas midiáticas presente no cotidiano das pessoas. Para tanto, dialogamos com diversos autores ao longo do artigo permitindo conhecer algumas estratégias linguístico-discursivas utilizadas pela instância midiática no processo de construção de uma realidade discursiva com o intuito de aprimorar a forma como produz educação no DPE.

Com base nos problemas de aprendizagem existentes na EJA e na busca de conhecer diferentes metodologias de letramento que contemple a demanda do aluno da EJA diante das diferenças culturais no ambiente escolar, buscamos ainda analisar algumas estratégias didáticas interpostas por professores da EJA, ao trabalhar gêneros textuais como: notícias, aulas de leitura e produção textual.

Essa investigação nos possibilitou conhecer a importância de uma renovação pedagógica no mundo contemporâneo informatizado e a utilização satisfatória da tecnologia para o aprendizado, abrindo mão daquele ensino engessado e assim produzir diversas manifestações que inconscientemente ou não mostram uma subjetividade organizada simbolicamente que de modo indireto tem a ver com o conceito de cultura. Assim, considera-se que:

Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação. [...] É o lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, que é constitutivo da significação discursiva. [...] Finalmente, faz parte da estratégia discursiva prever, situar-se no lugar do ouvinte, antecipando representações, a partir de seu próprio lugar de locutor, o que regula a possibilidade de respostas, o espaço do discurso. (PÊCHEUX, 1969 apud ORLANDI, p. 26, 2001).

Nessa perspectiva pode-se dizer que um percurso quando é valioso para o campo da educação, este não pode ser atribuído apenas ao ambiente escolar. Há uma atribuição de posições profissionais, em que os sujeitos se apropriam de outros meios de educação e ou convívio inseridos em seu grupo social.

Através deste estudo foi possível fazer uma análise baseada nas diferenças culturais presentes em ambientes virtuais, buscando identificar e entender os envolvidos nesse processo, uma vez que é possível apontar quais perspectivas e oportunidades que o futuro educador terá dentro de sua realidade cultural e do avanço tecnológico.

DESENVOLVIMENTO

Hoje com o mundo cada vez mais evoluído tecnologicamente, é comum verificar em diversos tipos de redes sociais gêneros textuais circulando em forma de vídeos; áudios; figuras; entre outros. Onde muitas vezes notamos certos tipos de estranhamento entre sujeitos que divergem de opiniões, estes passam de meros leitores e expectadores para participantes ou comentaristas que expressam suas opiniões em defesa ou crítica de uma determinada informação.

Muitas vezes é na falta de conhecimento e de interpretação que está o perigo, pois os sujeitos que ali estão lendo e fazendo circular determinados assuntos não sabem muitas vezes interpretar da forma correta e/ou coerente o que está visualizando, produzindo muitas vezes polêmicas ou crenças, causando discursos que gerem controvérsias e até confusões.

Foi partindo desse pressuposto que o estudo baseou em importantes teóricos que apresentaram contribuições relevantes para discursões aqui produzidas. Tanto em contexto geral como em relação ao campo educacional. Levando em consideração as diferenças culturais dos alunos da EJA e o papel dos educadores em construir vínculos autênticos entre aprendizado e aprendiz, entre leitura e interpretação. Mas, afinal, como debates entre pessoas em redes sociais expõem posicionamentos de sujeitos que se colocam entre esses discursos?

Dentre importantes autores que serão citados aqui, cabe ressaltar que essa pesquisa tem como eixo central a perspectiva discursiva pecheutiana, que acredita que o analista (pesquisador) deve ressignificar suas questões iniciais e dialogar com um campo teórico (dispositivo teórico-analítico), aqui composto principalmente pelos conceitos de discurso polêmico e de deriva. Posteriormente os resultados da pesquisa se darão através da legitimidade aos textos das seções

apresentadas nos aspectos teóricos. Gohn explicita também questões voltadas para problemas ligados às diferenças culturais e aos alunos:

Além de reforçar seus argumentos em defesa de uma educação libertadora que respeite a cultura e a experiência anterior dos educandos, Freire alerta para as múltiplas dimensões da cultura, principalmente a cultura midiática. Ele chama atenção para o fato de que ela poderá despertar-nos para alguns temas geradores que o próprio saber escolar ignora, ou valoriza pouco, como a pobreza, a violência, etc. Destaca também que a mídia trabalha e explora a sensibilidade das pessoas e por isso consegue atrair e monopolizar as atenções. (2002, p.67).

Para melhor compreensão das questões que envolvem interpretação, sentido e o simbólico em diálogos nas redes sociais, é preciso destacar: A análise do discurso francesa (AD). Esta nos aponta questões na interface entre a linguística, materialismo, psicanálise, etc. E assim os aspectos teóricos metodológicos serão baseados na AD.

Na relação existente entre os discursos, mais especificamente os tipos de discursos explicados pela Orlandi (2001): lúdico, polêmico e autoritário, é que podemos ver a importância do cuidado na hora de interpretar um discurso, para que além de entender a formação discursiva, ideológica e etc., entenda também o tipo de discurso. Assim podemos conhecer bem a noção de interpretação para a AD.

Analisar um discurso não é algo simples, pois existe uma questão de paradigmas envolvidos entre os interlocutores. É fundamental considerar o processo de constituição do discurso – memória – os dizeres já ditos, os efeitos de sentidos apropriados por fatores históricos. Portanto é importante considerar a historicidade de acordo com cada contexto:

A noção que trabalha a exterioridade discursiva (ou exterioridade constitutiva) é a de interdiscurso. O que define o interdiscurso é a sua objetividade material contraditória, objetividade material essa que, como diz M. Pêcheux (1988), reside no fato de que algo fala sempre antes, em outro lugar e independente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. É isso que fornece a cada sujeito “a sua „realidade“ enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas experimentadas”. (PÊCHEUX, 1988 apud ORLANDI, 1996, p. 39).

Por ora, é importante colocar que a historicidade é muito importante na formação ideológica e discursiva do sujeito. Ou seja, que pertence a um determinado contexto histórico do sujeito em deriva, que é responsável por sua formação e pela formação do Outro. Tornando esse

um processo cultural e educativo que permite entender o quanto somos escravos dos processos, onde o (não) dito, falado, produzido, reproduzido, é discurso. Todas as condições para a produção do discurso são concebidas historicamente em um lugar, e esse lugar é sujeito da AD.

Orlandi (2001) explica as condições de significação ao falar sobre a interpretação da tipologia de discurso. Nessa explicação é possível notar a semelhança das condições de significação com as condições de produção:

Condições de significação: o contexto histórico-social enquanto capaz de refletir o momento entre o linguístico e o discursivo; a relação do implícito e do explícito; a relação das forças; a relação de sentidos; a antecipação; a relação do texto com os textos possíveis naquele contexto (ORLANDI, 2001, p. 173).

Em Freud, na experiência psicanalista numa priori² a “associação livre”, baseada em repostas do inconsciente através da hipnose: O ato de defesa poderia ser atribuído a uma redução do nível de consciência (subconsciente). Desse modo o inconsciente estaria agindo sobre o indivíduo sujeito à defesa de algo que o remeta a discussões gigantescas às vezes. Como, por exemplo, as discussões em redes sociais.

Certas passagens dos textos que defendem ou simplesmente expõem esta doutrina dão a impressão de que não se trata de apagar o ego, que não se trata de dizer que ele não subsiste de forma alguma, mas apenas de dizer que ele nem sempre tem consciência do que ocorre, quase nunca detém o controle, é constantemente surpreendido ou soterrado por matéria discursiva vertida pelo id, ou é dominado pelo superego ou por alguma instância produtora de discursos que o cerca, domina-o, submete-o, seja ela uma episteme, ou uma teoria, uma doutrina, um locutor indeterminado, enfim, uma instância que é não-eu, que é outro ou Outro. (POSSENTI, 1995, p. 46).

Nesse aspecto é interessante salientar que o sujeito pode recorrer a uma ou mais dessas instancias no momento do discurso. Assim o lugar social e histórico é importantíssimo dentre outros fatores que influenciam na formação discursiva, ideológica e no discurso no momento da interlocução. Desse modo Olandi afirma que:

Em termos de condições de produção, entra também em consideração a noção de contexto histórico. Dessa forma, passam a contar desde determinações no contexto mais imediato (ligados ao momento da interlocução) com as do contexto mais amplo (como a ideologia). (ORLANDI, 2001, p. 160).

² Resulta de ideias inatas, anteriores à experiência, e, como tal não podem basear-se na experiência.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa é de natureza qualitativa, para que possamos a relação aos discursos lúdico, polêmico e autoritário da AD (Análise do discurso) a partir de estudos sobre discurso nos ambientes virtuais e de que modo esses interferem no aluno da EJA ainda não alfabetizado e não letrado. Foram utilizada uma vasta bibliografia e análise de postagens virtuais disponíveis em alguns grupos de redes sociais a fim de interpretar recortes, leituras e releituras com objetivo de detectar o estranhamento de sentidos aparentemente evidentes e seus deslizamentos.

A análise foi feita seguindo a linha da AD francesa e os aspectos teórico-metodológicos acima mencionados. Sendo assim, o estudo foi organizado em “recortes” teóricos que estabelecem unidades de sentidos existentes nos discursos em interlocução, como afirma Orlandi (2001):

O sentido é intervalar. Não está em um interlocutor, não está no outro: está no espaço discursivo (intervalo) criado (constituído) pelo/nos dois interlocutores. Assim como não está em um segmento, nem em outro, nem na soma de todos os segmentos que constituem um texto determinado. Está na unidade a partir da qual os segmentos se organizam. [...] quando se trata de texto, propomos falar de recortes que o todo organiza [...] particularidades que derivam da ideologia. (ORLANDI, 2001, p. 160).

É importante ressaltar que a noção de recorte se estabelecerá de acordo com a noção de tipologia de discursos. Uma vez que os tipos de discursos mais utilizados e identificados neste trabalho serão o lúdico, polêmico e autoritário; isto porque “em suma, a noção de tipo estabelece a relevância e é através da relevância que se estabelecem as condições de significação do texto” (ORLANDI, 2001, p. 173); e também porque o texto é uma unidade de sentido, e com relação aos dados, o texto são os próprios dados de uma pesquisa.

Com base em dados, mais especificamente a análise dos “dados” em AD são “[...] os dados discursivos. Os discursos, por sua vez, não são objetos empíricos, são efeitos de sentidos entre locutores [interlocutores] sendo análise e teoria inseparáveis” (ORLANDI, 1996, p. 37). É importante salientar que aqui além dos dados existem os fatos que diferentemente possuem historicidade. Sendo assim os dados deste trabalho serão tratados como fatos discursivos.

De modo que nesse percurso os deslocamentos que são nada mais, nada menos do que o “corpus”, – o novo – o acontecimento que exige uma interpretação – real; exterioridade – situado fora do real no contexto do sujeito. Serão considerados como várias formas de interpretações, onde nenhuma delas é totalmente, mais ou menos real (ORLANDI, 1996).

São muitas as discussões empreendidas sobre as representações simbólicas que os homens realizam a fim de apresentar suas relações socioculturais, Pode-se dizer que no imaginário dos internautas existe o inconsciente agindo como matriz de significantes, a partir dos quais se produzem sentidos.

Muitas crenças e discursões se baseiam em opiniões sobre um modelo de comportamento através da interpretação que muitas vezes é feita de modo que o inconsciente seja proferido através da linguagem, neste caso o texto escrito:

Quanto às qualidades, Freud não cessou de dizer que elas são substituídas, vicárias, efeito de identificações profusas, múltiplas, montagens encobridas dos eixos elementares em que se estrutura a posição do sujeito, redutível à sua posição na fantasia inconsciente, matriz geradora de seus ideais, crenças, valores, e, mais precisamente de seus sintomas. [...] o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que sendo assim, é a palavra a via de acesso a ele. (ELIA, 2004, p. 20).

Japiassu(1988) aponta que o primeiro lugar onde se dá a interpretação é de preferência na linguagem escrita, assim o autor diz que o primeiro trabalho de interpretação, é a produção de discurso sem ambiguidades (p.17).

É possível observar em vários textos que circulam em redes sociais pessoas que fazem inúmeras interpretações e muitas vezes não se apropriam da hermenêutica, satisfazendo apenas suas crenças, ideologia ou gozo pessoal. Em análise algumas notícias que circulam na internet, achamos um texto bem interessante: “Pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão”. (Bíblia sagrada Marcos 16:18). Existem relatos de que nos Estados Unidos, pessoas se deixaram picar por cobras venenosas por causa deste versículo.

No parágrafo acima podemos ver uma questão cultural e para existir essa interpretação, baseada na suposta mensagem de crença, é preciso apreciar as condições de produção.

Parece que se pode dizer que tais análises mostram claramente, em relação ao sujeito do discurso, que, de duas uma: ou ele não está sozinho, ou não executa seu papel uniformemente. Em qualquer dos casos, definitivamente, ele não é uno. Ou seja, o discurso que produz não é um produto exclusivo de um pretense sujeito uno e não submetido a condições exteriores (POSSENTI, 1995, p. 46).

Ou seja, a cobra nesse caso não seria mais um apenas um animal venenoso e ao colocá-la como uma promessa de cura, tornando os sentidos mais implícitos ainda. Contudo, gostaríamos de enfatizar o quanto o discurso religioso, nesse contexto – é um discurso autoritário. No sentido de que traz à tona algo de maneira implícita, como a interpretação das pessoas que julgaram tal ato como um sacrifício de cura. Não interpretando nesse caso a mensagem metafórica existente no escrito.

Na obra *Interpretação e ideologia*, Ricoeur (1988), ele traz uma filosofia que busca decifrar a hermenêutica de forma que proporcione o estudo crítico interpretativo e científico dos discursos das ciências humanas a partir dos discursos ideológicos presentes em várias áreas do saber.

A autora Fernanda Mussalim (2016), no texto “A noção de texto em análise do discurso”, aborda a noção de texto a partir de uma visão discursiva nas obras de Pêcheux e Dominique Maingueneau, nos fazendo compreender alguns pressupostos teóricos Pêcheux, onde ele afirma que existe um método de análise automática do discurso; logo, ele traz à tona a teoria foucautiana de formação discursiva, assim o texto é definido como intradiscurso.

Pêcheux ao retomar algumas questões deixadas por Saussure. Ele se propôs o estudar o significado e o sentido do texto. Assim retomando o saussuriano, foi o deslocamento conceitual que constituiu em separar a “prática” da teoria da linguagem. A língua deixa de ter então função de exprimir o sentido. O que Pêcheux coloca em relação a esse deslocamento é que o texto não pode ser um objeto pertinente para a ciência linguística, pois ela não funciona, o que funciona é a fala.

O discurso lúdico nas redes sociais são vistos em forma de opiniões sobre o vídeo, a letra, a música, existe ainda o discurso polêmico. Mas em menção ao discurso autoritário acima, este ao remeter a uma turma de EJA é possível fazer uma relação com o discurso pedagógico escolar (DPE). Que também é um discurso autoritário e que coloca os sujeitos numa posição onde eles reproduzem discursos que foram apreendidos ao longo de seu processo educativo.

Assim, no processo educativo religioso, por exemplo, é possível observar que o DPE não está apenas na escola. Logo, dada às circunstâncias, é possível refletir sobre o fato de o discurso religioso estar „também“ na escola. O que seria assunto para outro debate.

O texto é a materialidade, é tudo que você vê, lê e ouve; são palavras articuladas. O texto está em um discurso e o discurso ensina algo, revela um posicionamento por parte de quem

escreve (sentido). Pêcheux na AD trabalha na perspectiva da relação entre linguagem, sujeito e historicidade para a construção do sentido.

Desse modo, observamos que a educação foi construída. Sendo elaborada e (re) elaborada até se tornar o que é hoje, perdendo sua importância e se tornando um novo modelo de aparelho ideológico do estado. O que queremos colocar aqui é o quanto ao atual modelo de educação não é exatamente algo que se considera a singularidade do aluno e principalmente do aluno da EJA. É importante colocar que a singularidade destes é muito mais do que o proposto pela educação. Pois, a educação escolar na EJA, “mais do que informar, explicar, influenciar ou mesmo persuadir, ensinar aparece como inculcar”. (ORLANDI, 2001, p. 17).

É importante colocar que a singularidade do aluno da EJA é muito mais do que o proposto pela educação ideológica, ela deve ser colocada que em suas diferentes formas de aplicação a depender de sua historicidade do sujeito, permitindo uma aprendizagem satisfatória e a formação de adultos letrados e alfabetizados.

CONCLUSÃO

Hoje em dia o que está em jogo é a troca de informações rápida favorecida pelas redes sociais. Uma postagem pode repercutir e se tornar uma tendência, um clichê. E o que existe de perigoso nesse compartilhamento, é que uma reprodução em massa é uma forma de minimizar o discurso polêmico, de ausentar a reflexão do sujeito. Um país com sujeitos que reproduzem frases prontas acompanhadas muitas vezes de hashtag³ é um país de sujeitos condicionados (sem generalizar é claro) que vivem sempre sujeitos as condições de educação oferecidas pelo aparelho ideológico do estado. Ou seja, que agem como no contexto do DPE atuando de forma autoritária na vida dos sujeitos que aprendem copiando, reproduzindo apenas o interessante para o estado.

Saber viver em sociedade não apenas tolerando as diferenças, mas estimulando as manifestações de ideias diferentes. A educação institucionalizada precisa atuar de forma democrática, aceitando o pluralismo cultural, produzindo saberes diferentes ao invés de apenas reproduzir.

³ As hashtags são compostas pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#), associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita nas redes sociais

Desse modo, as transferências podem ocorrer também em diferentes relações estabelecidas pelas pessoas no decorrer de sua vida. Ela pode estar presente, por exemplo, na relação professor e aluno. Pois conforme a psicanálise freudiana, o aluno atribui ao professor um sentido conferido pelo desejo, e o professor passa então a fazer parte do seu inconsciente, ou seja, significa que o professor acolhido pela transferência do aluno no seu inconsciente, tudo que ele disser será ouvido através dessa posição que ocupa. Isso explica o fato de um professor que nada tem de especial, em sua aula, mas acaba por marcar aquele aluno, e se tornar referência pra ele depois.

Por fim, o estudo nos permitiu analisar estratégias linguístico-discursivas, presente nas principais redes sociais, sendo possível enquanto educadoras, ter embasamento científico ao lançar mão de alguns encaminhamentos, a fim de que, possamos lançar mão da tecnologia existente e ao discutir textos nas redes sociais com nossos alunos, possamos eleger estratégias de ensino de leitura e interpretação para desenvolver práticas alfabetizadoras, que contemplem os recursos midiáticos, para assim construir versões da realidade que valorize os vários agentes mediadores da aprendizagem e conseqüentemente, a manipulação dos enunciatários para a produção do censo-crítico interpretativo. Uma vez que a linguagem constrói discursivamente a realidade.

Nos encaminhamentos sugeridos, enfatizamos que os recursos utilizados na construção dos discursos em redes sociais, marcam tendências e posições. Nossa proposta é que os educadores da EJA considerem, na leitura midiática, os recursos verbais e visuais que marcam propósitos discursivos de aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

BERTHELOT, Jean M. **Sociologia, História e Epistemologia**. Florianópolis: Unijuí, 2006.

DANTAS, M. **Mídia e psicologia: produção de subjetividade e coletividade**. 2.ed / Conselho Federal de Psicologia. – Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 3.ed.,2004.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: **Pequena coleção das obras de Freud**. Traduzido por P.D. Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1973. v.2.

GOHN, M. da G. **Educação Popular na América Latina no novo milênio: impactos do novo paradigma**; ETD- Educação Temática Digital, Campinas, v.4,n.1, 2002. p.67.

JAPIASSU, Hilton. Apresentação – **Paul Ricoeur: filósofo do sentido**. In: RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. Org. e trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. (p.17).

MUSSALIM, Fernanda. **A noção de texto em Análise do Discurso**. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. (Org.). O texto e seus conceitos. 1ed.São Paulo: Parábola Editorial, 2016, v. 1, p. 45-70.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas, 4.ed.,2001.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 3.ed.,2001. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

POSSENTI, S. **O Eu No Discurso do Outro Ou A Subjetividade Mostrada**. Alfa (ILCSE/UNESP), v. 39, 1995 p.46.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. Org. e trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.